

**A Zona Leste de São Paulo e a história oral:
História pública, políticas de memória e pesquisa acadêmica**

Ricardo SANTHIAGO*

Valéria Barbosa de MAGALHÃES**

Resumo: Este artigo apresenta um inventário crítico das múltiplas iniciativas ligadas à memória da Zona Leste da cidade de São Paulo. Opostamente à impressão de que haveria uma dicotomia entre as ações comunitárias em direção à memória e a atuação do espaço acadêmico, a história pública permite a reflexão de que as ações comunitárias, especialmente calcadas no uso da história oral, têm eco nas universidades, notadamente naquelas situadas na região. Em levantamento exaustivo, os autores argumentam que a Zona Leste tem se configurado como um lócus importante de trabalho de memória, e que esta realidade traz complexidade ao debate acerca da legitimidade de agentes produtores de conhecimento.

Palavras-chave: Memória. História pública. Zona Leste da cidade de São Paulo.

**Zona Leste of São Paulo and oral history:
Public history, memory policies and academic research**

Abstract: This article presents a critical inventory of multiple initiative related to the memory of the eastern area [Zona Leste] of the city of São Paulo. Opposite the impression that there would be a dichotomy between the community actions towards the memory and the interaction of the academic space, the public history allows the reflection that the community actions, especially based on the use of oral history, echo in the universities, notably in those located in the region. Presenting vast research material, the authors argue that Zona Leste is a significant locus of memory work, and that its characteristics make more complex the debate on the legitimacy of different agents of knowledge production.

Keywords: Memory. Public history. São Paulo's eastern zone.

* Doutor em História Social. Docente do Departamento de Desenvolvimento Humano e Reabilitação da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. R. Tessália Vieira de Camargo, 126. Cidade Universitária, 13083-887. Campinas. SP. Brasil. Email: gephom@gmail.com.

** Doutora em História Social. Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, EACH/USP e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da USP. Avenida Arlindo Bettio, 1000. CEP. 03828-000. São Paulo SP Brasil. Email: gephom@gmail.com.

Lugar e memória

No ano de 2010, o Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (GEPHOM) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade São Paulo (EACH/USP) – mais conhecida como “USP Leste” – realizou um Simpósio de História Oral e Memória cujo tema geral foi “Memória da Zona Leste de São Paulo”. Um ano depois, o livro *Memória e diálogo: Escutas da Zona Leste, visões sobre a história oral* (2011) veio a público, tendo sido por nós organizado com base nas conferências e nas mesas redondas do evento. Sob vários aspectos, o evento foi bem sucedido. Contou com quase duas centenas de participantes, promoveu discussões e debates frutíferos, fomentou a interlocução intelectual entre diferentes agentes acadêmicos e comunitários, gerou publicações e projetos posteriores.

Naquela ocasião, propusemos para o evento duas linhas temáticas principais: “História oral, memória e fontes de pesquisa” e “História e memória da Zona Leste de São Paulo”. No livro, dividimos as contribuições também em duas partes: “São Paulo e a Zona Leste: Memória e experiências de pesquisa” e “História, memória e história oral: Visões e versões”. Em ambos os casos, subjazia a percepção de que o cruzamento da Zona Leste como área temática e da história oral como campo de reflexão e estudo (mais do que como simples recurso à entrevista) não estava dado de antemão: seria secundário na agenda tanto da comunidade quanto da academia, ou, pelo menos, não teria alcançado a dimensão que tal abordagem permite.

Isso não equivale a afirmar que a Zona Leste de São Paulo não tenha mobilizado uma massa significativa de iniciativas em história oral e memória. Não faltam, na região, narradores ou temas capazes de atrair a atenção de pesquisadores especializados; tampouco agentes e lideranças comunitárias que percebessem o papel da memória enquanto instrumento de cidadania, afirmação identitária, resistência cultural. No evento de 2010, entre os 88 trabalhos aprovados, 16 deles realizavam a aproximação entre o método e o tema em questão – três deles alocados em sessões diversas e os demais em dois grupos de trabalho exclusivamente dedicados à Zona Leste¹.

Essa organização binomial estreitando o tema e o método reflete dois entraves: primeiro, a dificuldade de localizar iniciativas de memória realizadas nas “bordas” do ambiente acadêmico, organizadas e formatadas sem conformidade com os preceitos formais/institucionais desta; segundo, a dificuldade de reconhecer a legitimidade de tais iniciativas não apenas como assunto de interesse universitário mas também, e talvez mais importante, como interlocutores válidos. O corolário dessa situação é a falta de articulação e

comunicação entre diferentes focos de produção de trabalhos de história oral e memória sobre a região.

A ideia de “história pública” pode nos ajudar a refletir sobre isso. Podemos pensar na história pública como um campo de atuação e reflexão “ecumênico” (LIDDINGTON, 2011), que abriga agentes, temáticas, procedimentos, afiliações e objetivos distintos, congregados em razão da disposição comum de aproximar conteúdos históricos e seus públicos. Um dos engajamentos fundamentais da história pública, que podemos chamar de “história feita pelo público”,² tem destaque nesse artigo, já que é a ele que boa parte dos trabalhos de história oral envolvendo esta parte da cidade tem se integrado.

A memória nas bordas

Um foco significativo do trabalho com memória sobre a Zona Leste de São Paulo não se dá dentro de iniciativas imediatamente universitárias, embora muitas vezes dialogue com elas. Como sinalizamos, seria cabível pensar que boa parte deste trabalho está compreendida naquilo que entendemos como as várias dimensões da *história pública*. História pública é uma noção abrangente, mas aqui falamos especificamente de uma história feita pelo público – que em princípio poderia ser denominada “história amadora”, não depreciativamente, mas no sentido de que ela percorre caminhos metodológicos e interpretativos distintos da história profissionalizada, produzida fundamentalmente por historiadores acadêmicos com formação na área³.

O termo “amador” tem sido efetivamente empregado por analistas da circulação popular da história como o historiador inglês William D. Rubinstein (2011), que em seu ensaio *História e história “amadora”* (originalmente publicado em 2004), sugestivamente inseriu o termo entre aspas, em consonância com sua perspectiva entusiasta diante dessa variedade de produção cultural. O tom de abertura de seu texto é instrutivo:

Além do tipo de história praticada e produzida por acadêmicos universitários, há outro vasto mundo de historiadores amadores, antiquários, populares e públicos que são quase que invariavelmente ignorados pelos primeiros, e que também os ignoram. Em número, eles certamente fazem o contingente universitário parecer pequeno [...] (RUBINSTEIN, 2011, p. 307).

O autor enfatiza uma das submodalidades da história produzida fora da universidade – a história de família ou genealogia, bastante popular na Inglaterra e nos Estados Unidos – e menciona outras tantas, como os livros de história para consumo popular (frequentemente com temas abrangentes, explorados de maneira menos longitudinal pelo historiador

acadêmico em virtude das especificidades de seu ofício, a começar pela definição dos objetos de pesquisa e pelos métodos empregados). Em última instância, a história feita pelo público pode adquirir tantas formas quanto a história feita por profissionais – variando em termos de escopo, fontes, interpretação, público a que se dirige.

As formas adquiridas pelos estudos memoriais sobre a Zona Leste de São Paulo, conduzidas fora do âmbito universitário, têm sido muitas, dirigindo-se não apenas ao registro e à preservação da memória (acumulando substrato empírico, algo premente em se tratando de temas de pesquisa relativamente novos), mas também à sua interpretação e apresentação pública, de formas tradicionais ou criativas.

Os meios de comunicação foram e continuam sendo um canal importante: desde o jornal *Grita Povo*, encabeçado nos anos 1980 pelo Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel Paulista (Menezes, 2005), ao *blog* e à página no Facebook administradas por Roger Lapan, um cineasta aposentado morador de São Miguel Paulista, histórias de moradores da região são divulgadas⁴. O livro – objeto associado à perenidade mais que à perecibilidade das mídias noticiosas – também tem servido a projetos de registro. O importante líder comunitário Padre Ticão participou da concepção de *Memórias de Ermelino: Um Bairro Paulistano, Seu Povo, Sua Gente* (AUGUSTI, 2012), que conta com narrativas de moradores da região, e tem se esforçado por lançar, em parceria com a EACH/USP, livro com as memórias das lutas políticas de moradores do Jardim Keralux⁵. Ainda nessa seara, encontra-se desde *Zona Leste, meu Amor*, de Cida Santos (1994), que retratou as histórias de líderes anônimos da região, até uma tetralogia sobre a história do bairro do Tatuapé escrita por Pedro Abarca (1994, 1995, 1997, 2003), reconhecido pela comunidade como um dos mais importantes representantes da memória local, e participante ativo de lutas políticas voltadas ao benefício do bairro. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo desde 2003, Abarca é consultado até mesmo para projetos privados – como a concepção da comemoração dos seis anos do Shopping Metrô Tatuapé –, evidenciando a legitimação não apenas comunitária, mas também institucional, viável para vertentes amadoras da história, efetivamente comprometidas com o público. Sobre o mesmo bairro, Maurício Gaia publicou, em 2015, suas memórias e recordações no livro *Recordações do Tatuapé*. Esse é um comprometimento antigo, aliás: em 1969, o historiador Silvio Bomtempo lançava o livro *O Bairro da Penha*, com apoio da Prefeitura de São Paulo, sendo até hoje uma referência para a memória da região.

Livros também estiveram entre os resultados visíveis de projetos que utilizam a história oral, para além de sua condição de método de pesquisa, como recurso pedagógico.⁶ Em um experimento interessante, o Instituto Nossa Senhora Auxiliadora, no bairro do Belém, lançou em 2004 o livro *Belém – Uma história que queremos contar*. No Tatuapé,

bairro vizinho, a Escola Estadual Visconde de Congonhas do Campo abrigou um Projeto Memória Oral, envolvendo docentes de diversas áreas que atuaram com os alunos na captação, transcrição e discussão de depoimentos de antigos alunos e de moradores do bairro⁷. Além do livro comemorativo, fortemente calcado nos relatos orais, o projeto legou um breve vídeo sobre a história da instituição, celebrando seus 75 anos⁸. Em 2016, o Grupo Ururay lançou o livro *Territórios de Ururay*, uma reflexão sobre o patrimônio histórico da Zona Leste.

O audiovisual, a propósito, é um recurso privilegiado para a produção memorial feita nas bordas. No território em questão, eles não são poucos. Entre as produções de João Luiz de Brito, que advêm especialmente de sua conexão íntima com os temas e baseiam-se fundamentalmente em depoimentos orais, se destacam: *Trilhas da Memória*, um curta-metragem sobre a antiga estação de trem de Itaquera, demolida em 2004 pela prefeitura da cidade;⁹ *Um Operário da Praça Vermelha*, de João Luiz de Brito Neto, um olhar biográfico sobre o militante comunista Orisson Saraiva de Castro, trabalhador cearense radicado em São Paulo. E há, em produção, outros documentários baseados em história oral, como *Vila Maria Zélia: Histórias de uma São Paulo de ontem, hoje e sempre*, sobre a conhecida vila operária modelo, localizada no bairro do Belenzinho¹⁰. *Face Leste: Revisitando a cidade*, que é um projeto mais ambicioso, finalizado em 2011 pela Associação Cultural Beato José de Anchieta, também resultou em um vídeo documentário, além de um livro. Em ambos, os depoimentos de moradores foram centrais na reconstituição da história dos bairros do Brás, Mooca, Vila Prudente, Tatuapé, Penha, Aricanduva, Ermelino Matarazzo, São Miguel Paulista, Guaianases, Itaquera, Cidade Tiradentes e São Mateus – para cada bairro, um morador contava sua história, sua relação com o local, sua visão a respeito das transformações urbanas, algo mesclado, no livro, com informações demográficas, com outras fontes escritas, com estudos prévios sobre tais bairros (LOPES, 2011). No vídeo, exibido em uma turnê pela cidade, os depoimentos individuais brilharam: o objetivo de reconstituir as histórias dos bairros cedeu lugar à relação afetiva que os depoentes tinham com eles¹¹. Uma série de documentários sobre a história de bairros da Zona Leste foi produzida com o apoio da prefeitura de São Paulo, destacando-se *Itaquera em Movimentos*, de Marcelo Caetano (2008)¹².

No campo artístico, ainda há outras linguagens exploradas. O Instituto Kreuzz, criado em 1990 em São Miguel Paulista, utiliza a fotografia artística como forma de registro documental da vida social¹³. Em movimento, os palcos iluminaram-se recebendo memórias sobre a região: em 2009, o grupo de teatro Buraco d'Oráculo realizou *Ser TÃO Ser – Narrativas da outra margem*, espetáculo criado coletivamente com base em relatos sobre as dificuldades de moradia coletados em seis comunidades da Zona Leste; três anos depois, a

Companhia Geração da Arte e o grupo EstoPô Balaio [de] Criação, Memória e Narrativa executaram o espetáculo *Daqui a pouco o peixe pula*, com cenas inspiradas em depoimentos de moradores do bairro Jardim Romano a respeito de suas experiências com as recorrentes enchentes no local; no ano seguinte, em 2013, a Trupe Sinhá Zózima estreou o espetáculo *Dentro é lugar longe*, cuja pesquisa cênica recorreu a usuários do Terminal Parque Dom Pedro II que moravam na Zona Leste; já o grupo Pombas Urbanas, no espaço comunitário Centro Cultural Arte em Construção, realizou inúmeras sessões do *Café Memória*, em que moradores relatavam suas memórias sobre o bairro de Cidade Tiradentes (elas embasarão um futuro espetáculo do grupo). Dessas e de outras maneiras, indivíduos e coletivos produziram trabalhos sólidos – válidos em si mesmos (em razão dos bens culturais que geram e de seu papel ativador na elaboração de identidades e da memória social), e ainda interlocutores na formação de uma teia da memória que tem efetivamente contribuído para a construção de um conhecimento sólido sobre uma região cujos estudos carecem, ainda, de uma diversidade de fontes primárias.

Registros e instituições

“Igualar seus habitantes nos espaços de memória é atuar para construir pontes de diálogo entre os diversos setores da sociedade [...]” (WORCMAN, s/d, p. 22), escreveu Karen Worcman, diretora do Museu da Pessoa, no interessante ensaio *Como histórias de vida mostram cidades invisíveis*. Nele, a autora argumenta que as histórias de vida podem contribuir para repensar e transformar o espaço urbano – marcado (especialmente em grandes cidades) por conflitos e experiências de exclusão social – e para fomentar a identificação entre agentes com repertórios e experiências distintas¹⁴. A incorporação da dimensão da memória em diálogos culturais que ressoam na vida cotidiana da cidade, todavia, se é bem-vinda, é potencialmente desafiadora – entre várias razões, porque motivações pessoais ou de grupo, como as que facultaram os projetos mencionados na seção anterior, têm fôlego limitado sem a retaguarda de instituições que, por suas naturezas, são instâncias de legitimação e de multiplicação de oportunidades. E, assim como o Museu da Pessoa e o Sesc São Paulo – que realizaram juntos, em 1995, o projeto de entrevistas com moradores dos bairros do Belém, Pari, Brás e Mooca, nas quais Worcman baseou-se para escrever o texto citado –, outras instituições públicas, não-governamentais e/ou comunitárias perceberam a oportunidade de se envolverem em iniciativas sociais em favor da memória da Zona Leste.

O próprio Sesc São Paulo, organizacionalmente capacitado para atender de maneira ágil e eficaz demandas de seus diferentes públicos, tem feito muito nesse sentido: em 2013

e 2014, o Centro de Pesquisa e Formação do SESC promoveu a série de atividades *Percursos ao Leste*, que propiciou diálogos e trocas de experiências e saberes sobre a região; a unidade Belenzinho abrigou atividades como a oficina *Minha memória: Histórias da Zona Leste*¹⁵, que dentro de um programa de cultura digital para a terceira idade buscou criar um *blog* com escritos inspirados nas rodas de histórias com os participantes; no Sesc Itaquera ocorreu, em parceria com a Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, uma *Oficina de Comunicação e Expressão do Projeto História Ambiental de Bacias do Aricanduva e da Itaquera*, voltada a educadores e jovens e destinada a registrar a história da região, por meio da produção de autobiografias e perfis, baseados em entrevistas (MARTINEZ, 2007).

Coletivos, agrupamentos comunitários e organizações não governamentais também têm tido um papel importante no registro da memória da Zona Leste de São Paulo. Provavelmente, uma de suas ocorrências mais vigorosas seja a Fundação Tide Setubal, por intermédio de seu Centro de Pesquisa e Documentação, conhecido como CPDOC São Miguel Paulista (criado em 2008), com base em experiências concretas de registro da história e memória do bairro, como o projeto *São Miguel Paulista e Brasileiro*. No bairro – um dos mais fervejantes da região, do ponto de vista cultural –, a produção de uma história local fortemente calcada nas memórias é prioridade, seja por meio de oficinas seja por ajuntamento e catalogação de acervo documental, constituído por material produzido ou guardado pelos moradores: fotos, vídeos, entrevistas e publicações¹⁶. São Miguel abriga, ainda, a Associação Cultural Beato José de Anchieta, voltada para o patrimônio histórico da região¹⁷; as preocupações de outros agrupamentos da região, como o Projeto Negro Dito¹⁸, e os movimentos liderados por Padre Ticão pela criação de um centro de memória do Sítio Mirim.¹⁹ No campo das lembranças, são bem ativos os núcleos como a ONG Movimento Cultural da Penha²⁰, o grupo de trabalho URURAY²¹ e até o website *Central Leste de Notícias*²².

A institucionalização de iniciativas, muitas vezes, ocorre por parte de órgãos públicos, que refletem a visão do poder público em políticas para a memória. Na cidade de São Paulo, essa atenção estatal remonta ao governo de Luiza Erundina (1989-1993), durante o qual o Departamento do Patrimônio Histórico (DPH) da Secretaria Municipal de Cultura levou a cabo projetos fundados sobre a noção de que o trabalho de/com memória é uma forma de ação cultural. As perspectivas oferecidas pela história oral foram visualizadas e aproveitadas, embasando, por exemplo, a concepção do Museu da Cidade de São Paulo, um conjunto de doze casas de significado histórico espalhadas pela cidade, incluindo a região leste²³. As entrevistas resultantes, mais tarde, vieram a ser utilizadas como fontes para outros estudos sobre a Zona Leste, como o de Adriano Duarte (2002) sobre o bairro da Mooca.

Com o passar do tempo, outros órgãos sob controle estatal iniciaram trabalhos ligados à história oral. Sem dúvida, o Memorial do Imigrante cintila nessa seara, abrigando centenas de depoimentos de imigrantes vivendo na cidade de São Paulo, muitos deles na Zona Leste, em bairros tradicionalmente operários. Mas a dimensão do trabalho público com história oral compreende ações como a do Centro de Referência dos Idosos de São Miguel Paulista, com seu projeto *Conversas e memórias*, com encontros semanais nos quais idosos contam histórias e compartilham vivências. O Memorial Penha de França tem acervo sólido de depoimentos de antigos moradores do bairro e da região, muitos deles constituídos com base em programações como o *Raio de Sol*²⁴, em que um grupo da terceira idade se reuniu para encontros com círculos de histórias; e há ainda um espaço de educação não formal como a Oficina Cultural Alfredo Volpi, que mais recentemente, em 2014, realizou o projeto *Museologia Nos trilhos da memória: Itaquera de ontem e hoje*²⁵, que buscava contrabalancear o enfoque tão grande no presente da região (em voga pelo fato de sediar um dos estádios mais importante da Copa do Mundo), mostrando o passado na região por meio de depoimentos, objetos e antigos documentos.

Por fim, uma iniciativa estatal sintomática da integração da memória da Zona Leste às questões e procedimentos candentes no momento atual se deu junto à subprefeitura de São Miguel Paulista, por intermédio de um instrumento que vem sendo reiteradamente utilizado: o edital cultural. Em 2013, valendo-se de uma dessas chamadas, buscou formar um banco de dados de profissionais da cultura em 17 áreas, abrindo espaço para a história oral e a memória em várias delas: Tradições Orais (em Cultura Popular), Literatura Oral e Criação de Histórias (em Literatura e Humanidades), e especificamente História Oral, Saberes e Modos de Fazer, Acervo, Documentação e outros itens (em Patrimônio Cultural)²⁶. Sendo objeto de um edital, instrumento característico das políticas culturais instituídas no país nas últimas duas décadas, a história oral e a memória da Zona Leste de São Paulo demonstram ter percorrido um longo caminho de apreciação e julgamento de sua dignidade como matéria de políticas públicas.

A pesquisa acadêmica

Todas essas iniciativas – em princípio dispersas – apontam para a evidência de que, independentemente da universidade, existiram e continuam existindo formas não institucionalizadas de trabalho de memória na região, bem como instituições cujo crivo não passa necessariamente pelos mesmos critérios que os da pesquisa acadêmica. É natural que se saiba pouco sobre tais formas de memória: seus criadores nem sempre as transformam em objeto de comunicação – pelo menos do tipo a que o leitor acadêmico está

acostumado. Os produtos finais da história pública podem ser, mas geralmente não são, apresentações em congressos ou artigos científicos submetidos a periódicos. Portanto, cabe ao investigador proceder com levantamentos, mapeamentos de campo, balanços de produção – e é nesse sentido, aliás, que o presente artigo busca contribuir.

A produção artística, técnica e bibliográfica feita nas bordas da universidade privilegia, como estamos vendo, dois aspectos do trabalho com história oral: o registro e a difusão. Privilegia-se a existência das histórias como força em si. A dinamização da produção acadêmica sobre a região – facilitada e estimulada, como veremos mais tarde, pela instalação de universidades públicas da região – permite que notemos que neste outro tipo de investigação, conduzido de acordo com concepções metodológicas racionalizadas e ritualizadas, embora variadas, espera-se que narradores se convertam em sujeitos de pesquisa, e que para os temas de interesse sejam levantadas questões, problemas de pesquisa – os quais exigem uma apreciação analítica e crítica das fontes orais. Muitas vezes, essa dimensão se imiscui com uma visão politizada da pesquisa acadêmica.

São muitos, naturalmente, os estudos que eventualmente recorrem à voz de moradores da Zona Leste ou que têm a região como seu pano de fundo ou como um tema lateral. Isto se dá em diversos campos do conhecimento, dado que tanto a história oral (como método) quanto a memória (como aporte teórico e fundo de informação) transcendem campos disciplinares. Podem-se identificar trabalhos sobre a saúde reprodutiva de mulheres de baixa renda, tendo como base histórias orais de moradoras do bairro Cidade Pedro Nunes (SOUZA; ALVARENGA, 2001); sobre o envelhecimento de migrantes nordestinos na cidade de São Paulo, com narradores da Zona Leste (CARVALHO, 2007); sobre o cotidiano de jovens internados na unidade de São Mateus da Fundação Casa (ATAIDE, 2008); sobre o ensino de futebol em bairros da Zona Leste (SPAGGIARI, 2010); sobre a vivência de alunos de uma escola estadual na região (SANTOS, 2010) e outros trabalhos sobre educação (COSTA, 2011); ou ainda sobre a inserção da comunidade portuguesa no Brasil com foco na Casa dos Açores, localizada na Vila Carrão (LANG; CAMPOS, 2012).

No que diz respeito a estudos nos quais as lembranças envolvendo a Zona Leste funcionam não como pano de fundo ou como recurso acessório, mas sim como o cerne das questões investigadas, eles são raros no período anterior ao início da década de 2000. Três deles podem ser mencionados. Primeiramente, o livro de João Carlos de Souza, *Na luta por habitação: A construção de novos valores* (1995), que resultou de dissertação de mestrado datada de 1992, focalizando a construção de novos valores em narrativas de ocupantes de terras na Zona Leste na cidade, em regiões como Itaim Paulista e Ermelino Matarazzo. Atentando para a história do cotidiano, para a história vista de baixo, bem como para outras

nomenclaturas e posições teóricas, o autor entendia a história oral como chave de um posicionamento político. Como ele escreveu:

A fonte oral possibilita revisitar a memória dos migrantes; apreender vivências que não são objeto de preocupações de poder instituído, que gera documentos escritos sob seu ponto de vista político, econômico; apreender pontos de vista dos excluídos socialmente, cuja exclusão já começa pela própria falta de acesso à alfabetização. Se, de um lado, não existe uma história dos excluídos espontânea, pronta, simplesmente a partir da compilação dos relatos produzidos, por outro, sem o reconhecimento da legitimidade do documento oral estar-se-ia desqualificando não só esse tipo de fonte como mais uma vez esse segmento da sociedade. (SOUZA, 1995, p. 20)

Duas monografias – a dissertação de mestrado de Andrade (1989) e a tese de doutorado de Damiani (1992) – lidam com a questão habitacional. A primeira analisa a história da luta por moradia nos bairros de Ermelino Matarazzo e São Miguel Paulista, empreendida por moradores que não conseguiam as escrituras definitivas de seus imóveis. A segunda buscou entender e registrar os processos políticos que informaram a criação dos conjuntos habitacionais de Itaquera (COHAB 1), durante a ditadura militar. Antes disso, no final dos anos 1980, Rachel Eny Arruda Bonomo Costa (1999) realizou um projeto de educação ambiental com alunos e moradores dos bairros de Itaquera e São Mateus. Anos mais tarde, veio a transformar essa experiência profissional em uma investigação planejada, efetivando um estudo de cunho historiográfico sobre as lutas pelo fechamento do lixão do Parque do Carmo, em 1984, e sobre a administração municipal voltada para a Zona Leste nas três gestões que sucederam esse fechamento. Costa passou a ter a história oral como um recurso metodológico fundamental, como parte de um “[...] projeto de resgate e construção da memória desses sujeitos-moradores, na sua preocupação e experiência ambientais, dentro de um espaço da cidade de São Paulo onde se estabelecem, projetam e realizam as suas vidas.” (1999, p. 383).

Não há dúvidas de que estudos acadêmicos densos sobre a memória da Zona Leste de São Paulo foram dinamizados pela instalação de novas universidades (especialmente a universidade pública) na região. Isso vem ocorrendo tanto como iniciativa por parte de professores empenhados em estudar a realidade local quanto por demandas concretas apresentadas pelas comunidades, que procuram esses profissionais das mais diferentes áreas de especialidade – cientistas sociais, arquitetos, educadores, historiadores, entre outros – na expectativa de que os desejos e as necessidades dos moradores da região constem da pauta acadêmica de maneira geral. Exemplos, entre muitos, das maneiras pelas quais essa demanda vem se explicitando foram a requisição, por parte de professores da região, para que oferecêssemos oficinas introdutórias que lhes permitissem introduzir a

história oral em sala de aula como ferramenta pedagógica²⁷; além de demandas apresentadas pelo Padre Ticão, de São Miguel Paulista, pelo registro da memória dos moradores do Jardim Keralux.

Um trabalho representativo do interesse crescente na região, a partir da perspectiva dos relatos de memória, é aquele realizado por Paulo Fontes, defendido em 2002 como tese de doutorado, e publicado como livro em 2008: *Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)*. O trabalho tem como ponto de partida a instalação da Companhia Nitro Química no bairro – que deslocou até ele trabalhadores mais experientes, advindos de outras unidades, e também migrantes, em sua maioria vindos do Nordeste. Fontes contempla eixos de análise interessantes: a solidariedade entre os trabalhadores, a criação e reiteração de uma cultura operária no local, a percepção dos moradores sobre o crescimento urbano e a industrialização. Ele recorreu a fontes de várias naturezas; no que tange à história oral, tanto os depoimentos registrados pela Universidade Cruzeiro do Sul, quanto fontes colhidas por ele mesmo foram empregadas. O autor realizou 42 entrevistas entre 1994 e 2001, formando uma rede de entrevistados pautada em pessoas articuladas à Associação dos Trabalhadores Químicos Aposentados. Ele, a propósito, doou as fitas e cópias das transcrições das entrevistas à Biblioteca Pública Raimundo de Menezes, em São Miguel Paulista²⁸.

No âmbito da USP Leste, um primeiro livro baseado em memórias foi produzido dentro do campo da Comunicação, mas em diálogo claro com a área de história oral: *USP Leste e seus vizinhos*²⁹, coordenado por Cremilda Medina (2004), que foi uma das principais propugnadoras de um jornalismo baseado na entrevista longa, compreensiva. Publicado como celebração da fundação do *campus*, o livro oferece uma interessante visão do impacto da instalação de uma “unidade” da USP na Zona Leste. Em nível de mestrado, Adriana Santiago Rosa Dantas (2011 e DANTAS; PEROSA, 2012) estudou a história do bairro de Ermelino Matarazzo e a expansão dos seus estabelecimentos de ensino, valendo-se de relatos orais de moradores. Três trabalhos de conclusão de curso, dois de iniciação científica e um de mestrado, todos orientados por Valéria Magalhães, buscaram tratar da memória de bairros da Zona Leste: Andrade (2011, 2013³⁰) estudou imigrantes italianos na Mooca, baseando-se em dez entrevistas de história oral; Faria (2009) pesquisou a memória do bairro do Tatuapé, com base em relatos de antigos moradores do bairro; o mesmo foi feito por Fonseca Luiz (2009), sobre o bairro de Vila Matilde; e Kaique Bezerra está desenvolvendo um projeto sobre os pernambucanos no bairro de Itaquera (2016). No mestrado, Josiana Lima está estudando a memória da Praça do Forró, em São Miguel Paulista. Silva Zanirato³¹, que tem se dedicado a estudar a região do ponto de vista patrimonial, orientou os trabalhos de Silva (2011) e de Martins (2012) sobre patrimônio e

memória de bairros da Zona Leste. Em mestrado, ela orientou Morcelli (2013), morador da Zona Leste que milita em favor da preservação do patrimônio histórico da região, e que, em sua pesquisa, analisou as mudanças ocorridas ao longo do tempo na paisagem da porção oriental da cidade de São Paulo margeada pelo rio Tietê, tendo em conta conceitos como paisagem, memória e patrimônio. Morcelli até tem sido um dos principais porta-vozes da memória da Zona Leste na intersecção entre a academia e as iniciativas comunitárias.

Uma pesquisa abrangente sobre a Zona Leste utilizando o método da história oral foi conduzida por Valéria Barbosa de Magalhães, intitulada *Lembranças de antigos moradores da Zona Leste de São Paulo: migrantes nordestinos e história de bairros*³². Tratou-se de um projeto que tentava desvendar, por meio de narrativas de vida, a teia de relações que permeia a convivência entre moradores de origem nordestina e moradores de origem não nordestina na Zona Leste da cidade de São Paulo. Outro objetivo do projeto era registrar a história da Zona Leste pela ótica subjetiva nas narrativas de moradores. A pesquisa identificou muitos aspectos importantes da experiência nordestina na Zona Leste de São Paulo como, por exemplo, que quanto às relações entre nordestinos e não nordestinos na cidade, os relatos e a bibliografia apontaram para o fato de terem sido conflituosas e baseadas em preconceitos e estereótipos negativos atribuídos aos nordestinos. Este fato é refletido no processo de homogeneização de todas as pessoas do Nordeste em uma simples categoria: a dos “baianos” ou dos “cabeça chata”. Outro ponto importante diz respeito às redes sociais, que foram fundamentais para as decisões de migrar e para o estabelecimento em São Paulo. No projeto, além da gravação das entrevistas com moradores da Zona Leste, foi realizada uma cuidadosa pesquisa bibliográfica sobre o tema dos nordestinos em São Paulo, especialmente na Zona Leste, revelando a existência de estudos diversos sobre o tema³³.

Em iniciação científica, Favaretto (2004/2006) tratou da memória de bairros da Zona Leste, utilizando-se da história oral. Em outros trabalhos, uma lente ampliada foi colocada sobre alguns bairros. Angelo (2008; 2009) aborda a constituição da Vila Carrão e a participação de imigrantes açorianos e seus descendentes nesse processo. O patrimônio industrial da Mooca tem sido interesse de pesquisa de Pereira (2007a; 2007b; 2008), que já conduziu trabalhos de memória com ambulantes do Brás (1988)³⁴; São Miguel Paulista é o território de Moraes (2007), que aborda a relação entre a Capela de São Miguel Arcanjo e o seu entorno, crescido a partir dela; o bairro da Penha foi objeto das dissertações de mestrado de Jesus (2006) acerca das práticas sociais que marcaram esse espaço no contexto paulistano, e de Gonçalves (2014), dirigida a desvendar a relação entre o futebol e o desenvolvimento da história do bairro, tendo em consideração a diminuição do uso do espaço da rua e o conseqüente desaparecimento do futebol de rua.

Além do recorte por bairros, outros grandes eixos temáticos têm direcionado a pesquisa sobre a memória da Zona Leste de São Paulo: o ativismo político, em estudo sobre as lutas contra a fome e a miséria (CAMPOS, 2009); ou sobre lideranças das Comunidades Eclesiais de Base (OLIVEIRA, 2007) na região; o ensino, em interpretação sobre o sentido da educação para professoras negras de educação infantil da Zona Leste (OLIVEIRA, 2009); as migrações internas, de nordestinos em São Paulo (RIGAMONTE, 2001), ou as migrações internacionais, como a imigração boliviana, significativa na Zona Leste da cidade (BAENINGER, 2012).

Em busca de um diálogo

Por muitas razões, conceber a produção acadêmica sobre a Zona Leste *versus* a produção feita nas bordas é algo problemático. A começar porque, por mais conflituosa e desafiadora que seja a relação entre esses dois polos, ambos têm se disponibilizado para o diálogo, considerando, como ponto de partida, que nenhum se encontra em posição de total privilégio sobre o outro. No caso em questão, comunidades e agrupamentos sociais extremamente ativos e prolíficos demonstram possuir consciência de que a universidade não detém a hegemonia do conhecimento. Vários dos produtores de memória, nos muitos exemplos que mencionamos, sequer almejam a ressonância de seus trabalhos na universidade – em outras palavras, não a consideram uma instância de consagração imprescindível. O público, nesse caso, compreende as vantagens institucionais oferecidas pela universidade – mas a indispensabilidade desta não deve ser tomada como certa.

A existência mesma dessa tradição memorialística que tentamos delinear – cuja semente remonta ao início da década de 1980, com a criação de inúmeros centros populares e comunitários de memória, bem como de publicações baseadas em relatos de vida (SANTHIAGO, 2013) – indica que, antes de a universidade perceber e reagir a demandas de diferentes públicos (comunidades, movimentos sociais, professores e estudantes), estes já haviam se voltado a projetos mais ou menos deliberados de construção e organização de suas memórias, muitas vezes como tentativa de interferir politicamente no processo de consolidação da cidadania em um ambiente democrático. Com isso, quando a universidade percebe tais demandas – e cabe frisar que, no caso particular da Zona Leste de São Paulo, ela tarda a ser inserida em uma posição (territorial, até mesmo) que convide a essa percepção –, encontra um cenário relativamente organizado, complexificado graças à atuação de outros atores sociais. Assim, ela se posiciona muito mais como um novo interlocutor em um diálogo cultural complexo; já não lhe cabe impor

padrões que, embora razoáveis para a construção de conhecimento acadêmico, podem ser inadequados ou insuficientes em uma concepção colaborativa de tal construção.

Sabemos que, tradicionalmente, este não é um diálogo fácil: além dos padrões de pesquisa e dos critérios de justificação e julgamento do trabalho científico, a intensidade e o ritmo de trabalho são distintos. Líderes sociais e comunitários por vezes nutrem expectativas bastante grandes e possuem a expectativa de soluções imediatas para demandas que nem sempre estão ao alcance da academia – ou, dizendo mais propriamente, ao alcance de professores e pesquisadores constrictos por limitações temporais, técnicas, financeiras, e pela própria natureza de seu trabalho. Embora uma parcela expressiva dos acadêmicos tenda a defender como sua função primordial a atuação política, eles têm compromisso com o ensino fundamentado; e com uma pesquisa que deveria, em princípio, possuir um valor intrínseco, justificando-se em si mesma e não somente em sua aplicação (política, no caso) na vida prática. Essas visões, aliás, são motivos de confronto entre diferentes produtores acadêmicos de conhecimento, a quem os não acadêmicos têm cada vez mais se juntado.

Fruto do projeto chamado “USP Leste”, a Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP representou um ponto de virada na relação entre universidade e comunidade na Zona Leste. É verdade que universidades privadas mantiveram e mantêm um diálogo estreito com a região, tendo se engajado na construção de uma memória local. Um exemplo é a Universidade Cruzeiro do Sul, com *campi* em São Miguel Paulista e no Jardim Anália Franco. O primeiro, no seu Laboratório de Documentação, iniciou em 2000 um projeto de coleta, transcrição e disponibilização de relatos orais com moradores do bairro, que incluiu a Universidade Aberta à Terceira Idade³⁵ e, o segundo, com o estímulo financeiro a um curso de História que enfatizava a história local. A Universidade Camilo Castelo Branco, além de apoiar realizações da comunidade local e abrigar em seu espaço eventos como o Congresso de Educação da Zona Leste (com sua segunda edição em 2014), tem diversos trabalhos de conclusão de curso, dos quais muitos são dedicados à memória da Zona Leste. Em parceria com o Senac Itaquera, a universidade coordenou, ainda, a transformação da antiga Casa do Chefe da Estação, no Centro Cultural Casa da Memória de Itaquera, inaugurado em 2014, que tem por objetivo registrar e memória dos moradores do bairro, por meio de depoimentos e documentos, como fotos³⁶. Mesmo uma universidade localizada fora da região tem dirigido recentemente a ela uma atenção sistemática: em 2014, foi criado na PUC-SP o Observatório da Zona Leste, vinculado ao Observatório das Metrôpoles de São Paulo, que entre suas linhas de pesquisa possui a *Cultura e Patrimônio*, com ênfase nas iniciativas de preservação da memória na região³⁷.

Embora valorosas, essas iniciativas universitárias carecem da carga simbólica atribuída à universidade pública (e gratuita, frise-se), acumulada em uma longa história

ligada aos projetos de universidade que foram efetivados no Brasil ao longo do século XX (MAYORGA; COSTA; CARDOSO, 2010), e remontam ao acesso desigual ao ensino superior. Nesse sentido, o lastro histórico e científico da USP, como Maria Cristina Motta de Toledo (2008, p. 45) escreveu, “[...] teve um efeito poderoso sobre esse espaço carente de equipamentos educacionais de nível universitário e culturais e distante geograficamente das oportunidades e facilidades da região central da capital do estado de São Paulo.” Desde a década de 1980, mas especialmente ao longo dos anos 1990 e 2000, variados movimentos sociais e organizações de educação e cultura reivindicaram universidades públicas para a região. Não seria inesperado que a primeira instituição ali instalada, também como parte dessa luta, fosse posta frente a frente com tantas outras demandas comunitárias. Isso está implícito na fala do líder comunitário Padre Ticão, da Paróquia São Francisco de Assis:

O ensino é uma questão muito forte na comunidade, mas extensão e pesquisa também um têm um grande papel. A própria universidade tem uma batalha, a de avançar muito mais nas pesquisas, em todas as áreas – isso realmente deve trazer benefícios à população. [...] Outro dia um professor falou assim: “Vocês estão esperando que a universidade faça tudo?” E um jovem respondeu: “Nós nunca esperamos que a universidade fizesse tudo, mas a universidade tem que fazer de tudo!” E tem. Tem que contribuir ao máximo para construir a cidadania para todos. (PADRE TICÃO, 2011, p. 66).

Equalizar a visão da universidade pública como uma instituição a serviço do bem público (objetivo abstrato e impreciso, aliás, para o qual todos os caminhos estão sujeitos a discussão), por um lado, e como uma entidade devotada ao ensino e à pesquisa politicamente desinteressada, por outro, é um desafio. Desafio que, porém, tanto a academia quanto a comunidade têm sido levadas a enfrentar: é significativo, por exemplo, que o campus Leste da USP tenha abrigado, em setembro de 2013, o I Encontro Brasileiro de Pesquisa e Cultura, sugestivamente com o tema *Pesquisa e produção do conhecimento para além da universidade*³⁸.

Iniciativas concretas em termos de políticas públicas e políticas culturais têm tangenciado o campo da memória. Especialmente no âmbito do patrimônio material, destacam-se a restauração da Capela de São Miguel Arcanjo, em São Miguel Paulista, e a reforma do Memorial do Imigrante, no Brás. Casas de cultura e de memória têm atuado de modo a articular diferentes canais de registro, preservação e difusão. O portal *Zona Leste Estudos e Cidadania*³⁹ possui uma base de dados com pesquisas sobre a região e, sendo lugar virtual de interlocução intelectual, articula as diferentes dimensões do público na região.

Projetos como esses (pessoais, comunitários, institucionais) são frutos da mesma inspiração que rege o já antigo desejo de criação de um museu para, e sobre, a região – o que consubstanciaria outro âmbito da história pública: o de preservação e difusão do conhecimento histórico, por meio de um espaço físico aberto e de atividades educacionais/comunicacionais contínuas. A chegada da universidade pública agudizou a inspiração de indivíduos e coletivos que já o reivindicavam: o *know-how* de acadêmicos e os recursos técnicos e financeiros de uma instituição desse porte, afinal, vinham a calhar. E assim, três anos após sua fundação, a USP Leste já se via comprometida, em 2008, com um projeto que previa a criação de um Espaço Cultural da Zona Leste, que contemplava um centro de memória, e sua instalação no terreno da universidade – resultante de um grupo de trabalho instituído no ano anterior e formado por professores da universidade e representantes da sociedade civil.

Não tendo sido viabilizado na USP Leste, o projeto veio a ser assumido pela Unifesp, o que se tornou conveniente dado que, como prolongamento de seu projeto de expansão, a universidade tenciona instalar um campus na região⁴⁰. Ademais, o *campus* mais envolvido nos projetos é o de Guarulhos (que abriga a Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas), município considerado como parte de uma “Zona Leste estendida”⁴¹. Desde 2014, a Pró Reitoria da Unifesp mantém uma linha de extensão universitária na Zona Leste, em acordo com demandas e interlocução dos movimentos sociais organizados. No campo específico da memória, destaca-se o grupo Pró-Observatório de Políticas Públicas e Centro de Memória da Zona Leste, que tem promovido cursos e atividades para a região (como a Escola de Cidadania, já mencionada, ou oficinas como a Memória Viva Tietê)⁴² e trabalhado de perto com o agrupamento de ativistas que criou o Movimento pela Unifesp na Zona Leste.

Embora a universidade seja uma instância capaz de efetivar ideias, graças à sua sustentação não apenas intelectual/científica, mas também técnica/financeira/administrativa, o projeto de um centro de memória para a Zona Leste – sintomaticamente entendido como um “museu” ou “memorial” – se dá tanto como resultado quanto como ponto de partida de um diálogo continuado. Como vimos, a realidade da região e o lastro de iniciativas da sociedade civil no campo da memória impõem a adoção de uma abertura à confecção de uma história feita *com* o público. Nela, a universidade e as comunidades concebem um ao outro como produtores legítimos de conhecimento histórico. Suas especificidades e seu processo de construção não é um entrave para o diálogo criativo entre agentes que cooperam em diferentes frentes. Um empreendimento com essas características tem se dado desde 2011 no âmbito da extensão – que tradicionalmente permite e fomenta uma inserção social maior da universidade – em projeto do professor Janes Jorge, da Unifesp,

que coordena o projeto *Diagnóstico do Arquivo do Movimento de Saúde da Zona Leste: Potencialidades de seu Uso na Pesquisa Histórica* (MSZL), em parceria com o Movimento de Saúde da Zona Leste, o qual produziu, ao longo dos anos, vasta documentação histórica. A proposta visa que o Centro de Memória da Unifesp elabore um projeto para o acervo do MSZL⁴³. Este é um dos exemplos do diálogo que, de fato, tem sido promovido por ambos os lados – e sendo bem-sucedido em casos pontuais.

A ânsia da comunidade local por uma concepção dialogada para um museu transparece, por exemplo, no título de uma das muitas reuniões públicas (realizada em 31 de março de 2012) na Igreja São Francisco de Assis: “Que museu/memorial queremos na Zona Leste?”. Inserindo-se como agente ativo na criação do museu, a comunidade questiona a própria noção deste como um polo de geração de mensagens unidirecionais, ultrapassando a ideia dos “[...] museus como fonte de conhecimento especializado e os visitantes como recebedores dessa especialização.” (MCLEAN, 2011, p. 70), como escreveu Kathleen McLean em uma reflexão sobre a relação entre o museu e seus públicos. Reconhecendo a relação de poder e autoridade que se estabelece na conformação de um museu, McLean argumentou que o que é necessário para que essa relação se estreite não é abandonar a atenção ao conhecimento especializado, mas sim

[...] expandir nossas definições de ‘expert’ e ‘expertise’ de modo a incluir domínios mais amplos de experiência [...] Em vez de percebermos os visitantes como principiantes, nós faríamos bem em considerá-los ‘estudiosos’ no melhor sentido da palavra – pessoas que se engajam no estudo e no aprendizado por amor a eles. (MCLEAN, 2011, p. 71)

A proatividade dos grupos também convida a refletir sobre os interesses das duas partes em criar um museu como este, radicalmente distinto de outros museus da região⁴⁴. Para a universidade, se trata não apenas de responder às demandas do público – mas também de cultivar áreas de estudo pouco exploradas, capazes de oferecer inspirações originais para sua missão de pesquisa. No que diz respeito ao público, evidencia-se sua compreensão do potencial político da memória, que está longe de ser vista de maneira ingênua ou sacralizada. A propósito, seria difícil pressupor uma ingenuidade acerca do papel político da memória considerando-se que o bairro que abrigará o museu da Zona Leste criou sua própria Comissão da Verdade de Itaquera, a comissão “Geraldo Castro e Silva”, em 2014. Em um relato sobre uma reunião de movimentos culturais da Zona Leste, o *blog Voz da Leste* falou sobre “[...] o debate em torno do Memorial da Zona Leste que deve ser construído nos próximos anos.”, ressaltando “[...] a importância desse debate, já que sabemos que a memória é um espaço político; que memórias farão parte deste local?”⁴⁵.

Nesse cenário, parece não fazer sentido um museu que contemple a memória *sobre* as comunidades, pois os agentes acadêmicos envolvidos no projeto são chamados a trabalhar *com* elas, ao longo das etapas de concepção, curadoria, apresentação, administração. Na prática, porém, o diálogo é tenso e conflituoso. Estão em jogo concepções e significados diferentes sobre a função não apenas do museu, mas do conhecimento histórico como um todo. A visão do museu como “espaço político” pode destoar, quando não colidir, com a visão do museu como “espaço de produção e difusão de conhecimento”. O questionamento sobre as memórias a se contemplar tem um componente político inescapável – mas exige também uma medida de comprometimento e rigor que não alije essa criação compartilhada das tensões inerentes à realidade e aos fenômenos sociais que ela contempla. Os resultados práticos dessa colaboração, de qualquer forma, ainda estão por ser descobertos.

Considerações finais

O que este variado panorama de iniciativas apresenta, principalmente, é substância empírica sólida e extensa mais do que suficiente para contestarmos a ideia da Zona Leste como um bloco monolítico, fechado em uma imagem homogeneizada e estereotipada, divulgada por meio de canais nem sempre respaldados pelas comunidades locais. A Zona Leste é produtora de uma rica e diversa gama de iniciativas de manutenção da memória local e, tais iniciativas, se dão nas mais diversas dimensões.

As memórias múltiplas ajudam a perceber a diversidade da região, que não é um todo, mas sim um espaço fervilhante – porque confuso e cheio de conflitos, contradições – no qual singularidades e coincidências têm lugar. Ainda há muito a ser feito para o registro das diferentes dimensões dessa história, incluindo a materialização das demandas das lutas comunitárias pela memória da região.

As universidades na Zona Leste, que são parte de um projeto maior de inclusão, são chamadas a interagir com essas iniciativas memoriais – algo que alguns consideram como sua responsabilidade social, diante do “interesse público” –, a atuarem *com* o público. No entanto, como já ressaltamos, é preciso ter cautela e compreender as diferentes expectativas e compromissos de cada um desses agentes.

Recebido em: 16/09/2015

Aprovado em: 29/01/2016

NOTAS

¹ Dispersos em diferentes seções, estavam: Observatório de Memória Audiovisual do CPDOC São Miguel Paulista, de Mauro Bonfim; Biblioteca de Itaquera: um exercício de leitura das relações entre identidade, patrimônio e projeto, de Laura Melo Souza, Lorena Pugliese Sant'Anna; O conceito de Participação da Família no cenário Político-Educacional em São Paulo, na década de 90 e o olhar de Pais Atores dos Movimentos Populares de São Mateus, de Maria Lúcia Salgado Cordeiro dos Santos. Na sessão temática Zona Leste (1), estavam: Histórias de Vida de velhos moradores da Vila Matilde: Lazer e Carnaval, de Lidiane da Fonseca Luiz; Os cinemas do bairro da Penha, de Carlos Alberto Pereira; São Miguel Paulista - Capela de São Miguel Arcanjo: Interfaces das memórias do patrimônio cultural, de Isabel Rodrigues de Moraes; Rachaduras no espelho de Narciso: O início do processo de envelhecimento e as estratégias de enfrentamento das idosas moradoras do bairro da Mooca da Cidade de São Paulo – Representações, Memórias e Narrativas, de Mesaque Silva Correia, Maria Luiza de Jesus Miranda; Lazer na rua: Memórias das transformações urbanas no Tatuapé, de Alex dos Santos Faria; Democratização do ensino na Zona Leste, de Graziela Perosa. Na sessão temática Zona Leste (2), estavam: Algumas Memórias de São Paulo: O Olhar sobre a Construção Açoriana da Vila Carrão na Zona Leste, de Elis Regina Barbosa Angelo; Memória de velhos (Um estudo realizado com operários da companhia Nitro Química Brasileira entre 1937 e 1960), de Antonia Sarah Aziz Rocha; A história do Parque Ecológico de Vila Prudente contada pelos moradores locais, de Rosely Marchetti Honório; Relembrando a ocupação do Jardim São Carlos: vínculos sociais, território e cultura política, de Claudelir Corrêa Clemente; A efetividade do Projeto ético-político do Serviço Social no trabalho dos assistentes sociais da Zona Leste de São Paulo, de Rodrigo José Teixeira, Elisabete Andrade da Silva, Elizete Melo de Assis, Maria Valéria Gonçalves Brandão, Patrícia Gleici Alberto, Vera Lúcia da Silva dos Santos; As intervenções na Várzea do Carmo e os projetos para cidade (1872-2009), de Vanessa Costa Ribeiro; As vozes dos agentes ocultados: os trabalhadores de São Miguel Paulista em 1950, de Ricardo Correia Marcondes. Cf. 1º Simpósio de História Oral e Memória: Memória da Zona Leste de São Paulo - Caderno de programação. São Paulo: GEPHOM, 2010.

² Uma tipologia para a história pública foi desenvolvida e descrita por Ricardo Santhiago na pesquisa "História pública como prática e campo de reflexões: Debates, trajetórias e experiências no Brasil", desenvolvida na Universidade Federal Fluminense, e será detalhada em publicação monográfica em preparação.

³ Há autores que entendem a "história amadora" como uma "história não acadêmica", o que parece problemático na medida em que há profissionais que não atuam dentro da academia, mas que foram treinados dentro dela; e que mesmo historiadores acadêmicos podem, ocasionalmente, produzir e veicular trabalhos dirigidos para públicos que não o imediatamente universitário, públicos estes para os quais a distinção de origem importa menos do que os conteúdos recebidos e sua forma de apresentação.

⁴ Disponível em: <<http://saomiguelpaulista.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 21 maio 2015.

⁵ O Padre Ticão também coleciona vasto acervo documental sobre a Zona Leste, com documentos, fotos, material de imprensa e audiovisual, entre outros.

⁶ Uma apresentação abrangente das possibilidades do uso da história oral na sala de aula do ensino básico está em nosso livro História oral na sala de aula (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015).

⁷ O projeto teve auxílio do Centro de Referência em Educação Mário Covas, dada a experiência anterior da instituição em um projeto semelhante com a conhecida Escola Caetano de Campos.

⁸ Disponível em: <<http://nucleodevideosp.cmais.com.br/memoria-oral/memoria-oral-escola-estadual-visconde-de-congonhas-do-campo>>. Acesso em: 05 maio 2015.

⁹ Trilhos da memória. Direção: João Luiz de Brito. 12 minutos. O documentário na íntegra pode ser assistido no endereço: <<http://www.youtube.com/watch?v=RsOeQ4Bw7E0>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

¹⁰ A esse respeito consultar em: <<http://docmariazelia.wordpress.com>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

¹¹ Face Leste. Direção: Daniel Reis. 42 min. O documentário na íntegra pode ser assistido no endereço: <<http://www.youtube.com/watch?v=GUAU8vew7pc>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

¹² Disponível em: <<https://youtu.be/gRTXOhmDqsE>>. Podemos citar outras iniciativas no campo dos documentários produzidos na Zona Leste, entre elas: Ermelino é Luz, de Pedro Dantas (2008), produzido pela TV PUC; Tatuapé: Caminho do Tatu, de Mário Mazzeti (2009); Guaianazes: Expresso Uruguai-Lajeado, de Nereu Cerdeira (2008), disponível em: <<https://youtu.be/bmBNygVcurM>>; Brás, Sotaques e Desmemórias, de Marta Nehring (2006); Partido Mooca, de Jurandir Muller (2006); Vila Prudente, de Alexandre Carvalho (2006); Vila Matilde: Zona Leste somos nós, de Ricardo Elias

(2006); História da Pedra Pequena, de Valdir Boffetti (2006); Na Trilha de São Miguel, de Carla Gallo (2006); Guaianazes: A Estrela Preta, produzido por alunos da Faculdade Rio Branco (2015); e muitos outros.

¹³ Entre os produtos das atividades do instituto, está o livro Almanaque: Um olhar sobre São Miguel Paulista, de 2008. Disponível em: <<https://institutokreuzz.wordpress.com/>>. Acesso em: 14 maio 2015.

¹⁴ Worcman. “Como histórias de vida mostram cidades invisíveis”. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/public/editor/como_hist%C3%B3rias_de_vida_mostram_cidades_invis%C3%A9veis.pdf>. Acesso em: 07 maio 2015.

¹⁵ Segundo o Sesc, tratam-se de “Encontros de estimulação da memória, contando sobre a relação de cada um com a zona leste da cidade de São Paulo. Num blog coletivo, os participantes vão escrever textos e publicar conteúdos ilustrados por fotos e mapas. Requisito: Conhecimentos de digitação e navegação na internet”.

Disponível em: http://www.sescsp.org.br/aulas/5707_MINHA+MEMORIA+HISTORIAS+DA+ZONA+LESTE, Acesso em: 08 maio 2015. Ver: <<http://minhamemoriazonaleste.tumblr.com/>>. Acesso em: 05 jun.2015.

¹⁶ Disponível em: <<http://cpdocsaomiguel paulista.blogspot.com.br/search/label/cursos#>>. Acesso em: 14 maio 2015. Ver também: www.fundacaotidesetubal.org.br. Acesso em: 05 maio 2015.

¹⁷ Um dos destaques é a Capela de São Miguel Arcanjo, de 1622. A capela é aberta a visitação e conta com um museu virtual. Disponível em: <<http://capeladesaomiguelarcanjo.blogspot.com.br/>> e em <http://capeladesaomiguel.org/site/tour-virtual/>. Acesso em: 14 maio 2015.

¹⁸ Ligado ao Movimento Cultural da Penha, ele enfoca a valorização da memória da Igreja Nossa Senhora do Rosário, ligada à história dos negros no bairro. O grupo Recado dos Nossos Ancestrais luta pelo tombamento da igreja e todo ano organiza uma festa, em junho, para lembrar as festas que eram feitas pelos negros. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Sambalargodorosariopenhasp>>. Acesso em: 14 maio 2015.

¹⁹ A Vila Jacuí comporta a sede do Sítio Mirim, que foi residência do guarda-mor Francisco Godoy Preto, nos anos 1750, e que é tombada pelo IPHAN. A casa foi construída no século XVII. Ver: BRITO, Gisele. Movimento luta pela preservação de patrimônio histórico da zona leste de São Paulo. Rede Brasil Atual, 02 abril 2014. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/04/movimento-luta-pela-preservacao-de-patrimonio-historico-da-zona-leste-de-sp-4184.html>>. Acesso em: 14 maio 2015.

²⁰ Fundada em 2001, ela é fruto dos movimentos populares do bairro. Uma de suas linhas de atuação é no campo da memória: a partir de 2006, passou a atuar de maneira mais intensa acerca de patrimônio e memória local, em vistas da doação do acervo do memorialista penhense Hedemir Linguitte, autor do livro Santuário Nossa Senhora da Penha (1997) e da parceria com o Memorial Penha de França. O movimento produziu dois livros sobre a memória da Penha: Recados: Memória da relação da comunidade e o patrimônio e Movimentações pela cultura: um painel dos movimentos culturais da Região Leste de São Paulo (acompanha vídeo com depoimentos). Ver: <<http://www.tribufu-mcp.blogspot.com.br/p/historico-projetos.html>>. Acesso em: 14 maio 2015.

²¹ Criado por moradores do bairro da Penha interessados na preservação de sua memória. O grupo promove seminários e divulga notícias sobre o patrimônio da região. Ver: <<http://ururaypatrimoniocultural.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 14 maio 2015.

²² Ele dispõe de link sobre a história de São Miguel Paulista e Itaim Paulista. Disponível em: <<http://itaim paulista.com.br/portal/index.php?secao=historia>>. Acesso em: 14 maio 2015.

²³ A esse respeito, ver: Revista do Arquivo Municipal, n. 200, 1992; Secretaria Municipal de Cultura. O direito à memória: Patrimônio histórico e cidadania, 1992.

²⁴ Mais informações em: <<http://www.saopauloantiga.com.br/unidas-pela-memoria-de-um-bairro/>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

²⁵ Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/itaquera/noticias/?p=42745>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

²⁶ Edital 002/2013, de 6 de agosto de 2013.

²⁷ Posteriormente, esse trabalho deu origem ao livro História oral na sala de aula (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015).

²⁸ É importante destacar que, a respeito da Companhia Nitro Química e de seus trabalhadores, existem outras fontes e estudos disponíveis, tais como: Ravaglia (1988) e Rocha (1992).

²⁹ Usp Leste e seus Vizinhos é o 26º volume da coleção São Paulo de Perfil, que ela produziu junto a alunos da ECA-USP.

³⁰ A iniciação científica de Maria C. Andrade, com bolsa PIBIC/CNPq, era parte do projeto de Valéria B. Magalhães intitulado A Música Italiana na Memória Coletiva da Imigração Paulistana (Projeto: Uma musica dolce suonava..., coordenado por Heloísa Valente, financiado pelo CNPq, entre 2010, 2012). A aluna continuou o projeto sobre o Bairro da Mooca no mestrado: Andrade José, Maria Carolina. Memórias de Relacionamentos Amorosos: história oral de mulheres idosas em São Paulo. 2016. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais) EACH/USP. Orientador: Valeria Barbosa de Magalhaes.

³¹ Fortalecimento e dinamização de atividades culturais na Zona Leste de São Paulo: Registro das memórias por meio do pré-inventário de bens patrimoniais (Projeto de extensão EACH/USP, 2010-2011), coordenação: Silva Zanirato.

³² Projeto coordenado por Valéria B. Magalhães, entre 2010 e 2012, com financiamento do CNPq. Ver também: Magalhães (2011, 2013).

³³ De maneira atrelada à pesquisa, na EACH/USP, em 2009, também foi oferecida a atividade de Extensão Conte sua História de Vida, coordenada por Valéria Magalhães (contando com a participação de Ricardo Santhiago). O objetivo era proporcionar a pessoas idosas a oportunidade de contarem e registrarem suas próprias histórias de vida. Posteriormente, algumas dessas histórias foram arquivadas na instituição, dentro do projeto mencionado.

³⁴ Pereira coordena o projeto O Bairro da Mooca: revitalização urbana, segregação sócio-espacial e memória social (2004-2014), financiado pela Fapesp, desde 2013.

³⁵ CPDOC São Miguel Paulista, disponível em: <<http://cpdocsaomiguel paulista.blogspot.com.br/2007/09/projeto-tem-parceria-com-unicul.html>>. Acesso em: 07 maio 2015. Ver também: Pederiva (2006).

³⁶ Disponível em <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/itaquera/noticias/?p=48680>>. Acesso em: 14 maio 2015.

³⁷ Um dos produtos dos estudos desse grupo foi o livro Megaprojetos, megaeventos, megalópole: a produção de uma nova centralidade em São Paulo (CARVALHO; GAGLIARDI, 2015) que, entre seus artigos, discute o impacto da Copa do Mundo de 2014 nos bairros da Zona Leste.

³⁸ Ver: <<http://www.pesquisaemcultura.org/>>. Acesso em: 08 maio 2015.

³⁹ Disponível em: <<http://www.zonalesteestudosecidadania.com.br/>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

⁴⁰ Seu campus Leste ocupará um terreno em Itaquera, tendo sua inauguração estimada para 2016. Ver: FERNANDES, Sarah. Unifesp da zona leste deve começar a funcionar com dois anos de atraso. Rede Brasil Atual, 19 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2014/08/unifesp-da-zona-leste-deve-comecar-a-funcionar-com-dois-anos-de-atraso-7888.html>>. Acesso em: 08 maio 2015.

⁴¹ Tanto a Zona Leste quanto Guarulhos ainda compõem o chamado Alto Tietê.

⁴² O projeto visou criar um acervo digital, baseado em documentos e depoimentos de história oral, sobre as memórias de comunidades que vivem à margem do Rio Tietê, na Zona Leste de São Paulo. Ver: <http://memoriavivatiete.blogspot.com.br/>. Acesso em 19 maio 2015.

⁴³ Informações disponíveis em: <http://www2.unifesp.br/proex/novo/pps/programasprojetos/projetos-2013/campus-sao-paulo/252-projeto-diagnostico-do-arquivo-do-movimento-de-saude-da-zona-leste-potencialidades-de-seu-uso-na-pesquisa-historica>. Acesso em: 8 maio 2015.

⁴⁴ No campo dos museus, a Zona Leste abriga a Casa do Tatuapé, construção do século XVII, restaurada recentemente pelo Departamento de Patrimônio Histórico de São Paulo e pelo Museu Paulista da USP, aberta à visitação do público, desde 1981. Em dezembro de 2012, a Casa do Tatuapé abriu a exposição Zona Leste: um novo olhar, contando um pouco da história da região. No Jardim Anália Franco, também há o Sítio do Capão do Tatuapé Acima ou Casa do Regente Feijó, casa bandeirista do século XVIII, tombada pelo Condephaat e construída em taipa de pilão. A casa hoje pertence à Universidade Cruzeiro do Sul. Na Penha, há o Museu da Fotografia, fundado em 2006, criado por Flávio Tallmann, expõe fotografias antigas e registros da história da Zona Leste. Fazem parte do patrimônio histórico da Zona Leste a Igreja de Nossa Senhora da Penha; a Igreja de San Genaro da Mooca; a Capela São José; e a Vila Maria Zélia, no Belenzinho, que foi uma vila operária industrial da Companhia Nacional de tecidos da Juta, no início do século XX, tombada desde 1992. Em 1999, foi inaugurado o Museu do Tietê, no Parque Ecológico do Tietê. Ele abriga acervo que conta a história do Rio Tietê e de seu entorno. Foi revitalizado em 2004 por Ruy Otake. Sobre a proposta do Memorial da Zona Leste, ver: <<http://www.culturaleste.com.br/2012/04/memorialmuseu-da-zona-leste.html>>. Acesso em: 18 maio 2015.

⁴⁵ Reunião de movimentos culturais da Zona Leste, 15 fev. 2013. Disponível em: <<http://vozdaleste.blogspot.com.br/2013/02/reuniao-de-movimentos-culturais-da-zona.html>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

REFERÊNCIAS

1º SIMPÓSIO de História Oral e Memória: Memória da Zona Leste de São Paulo - Caderno de programação. São Paulo: GEPHOM, 2010.

INSTITUTO Kreuzz. *Almanaque: Um olhar sobre São Miguel Paulista*. São Paulo: Instituto Kreuzz, 2008

ABARCA, Pedro. *Tatuapé: uma história fascinante*. São Paulo: Rumo Gráfica Editora, 1994.

_____. *Paróquia Nossa Senhora do Bom Parto: 70 anos de evangelização*. São Paulo: Rumo Gráfica Editora, 1995.

_____. *Tatuapé Ontem e Hoje*. São Paulo: Rumo Gráfica Editora, 1997.

_____. *Tatuapé, a História de um Povo: A construção de um novo estilo*. São Paulo: Dinâmica Gráfica e Editora/Shopping Tatuapé, 2003.

Andrade José, Maria Carolina. *Memória da canção italiana entre imigrantes italianos da Mooca*. Iniciação Científica. (Graduando em Lazer e Turismo) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades/USP, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2011. Orientador: Valéria Barbosa de Magalhães.

_____. *Memória de relacionamentos amorosos: velhice e gênero*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Lazer e Turismo) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades/USP, 2013. Orientador: Valéria Barbosa de Magalhães.

ANDRADE, Cleide. *As lutas sociais por moradia na cidade de São Paulo: a experiência de São Miguel Paulista e Ermelino Matarazzo*. 1989. 158 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais. Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

ANGELO, Elis Regina. O Olhar sobre a Construção Açoriana da Vila Carrão na Zona Leste. In: Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão, 19, 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: FFLCH/USP, 2008, p. 01-10.

_____. Memórias e identidades dos açorianos: A Festa do Divino Espírito Santo na Vila Carrão em São Paulo. *Oralidades*, v. 5, p. 45-59, 2009.

ATAIDE, Marlene. *Das múltiplas perdas sociais e familiares ao cometimento do ato infracional: A privação da liberdade e o árduo cotidiano na fundação CASA*. 2008, 303 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

AUGUSTI, Waldir. *Memórias de Ermelino: Um Bairro Paulistano, Seu Povo, Sua Gente*. São Paulo. 2012.

BAENINGER, Rosana. (Org.) *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo-Unicamp / Fapesp / CNPq / Unfpa, 2012.

BEZERRA, Kaique. *Memórias de sertanejos pernambucanos moradores do bairro de Itaquera*. Iniciação científica. EACH/USP. (Orientador: Valéria B. Magalhães). Início: 2016.

BOMTEMPI, Silvio. *O bairro da Penha*. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo/Secretaria de Cultura, 1969. (Coleção História dos Bairros de São Paulo, n. 111). 143 p. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/HB_penha_1285346695.pdf>. Acesso em: 15 maio 2015.

CAMPOS, André Luzzi. *Experiências em movimento: alimentação, cidadania e lutas sociais na Zona Leste de São Paulo (1993-2006)*. 2009. 154 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CARVALHO, Livia Cristina. *O envelhecimento dos migrantes: Diálogos com maranhenses residentes em São Paulo*. Mestrado em Gerontologia. PUC-SP, 2007.

CARVALHO, Mônica; GAGLIARDE, Clarissa. *Megaprojetos, megaeventos, megalópole: a produção de uma nova centralidade em São Paulo*. São Paulo: Olho D'água, 2015.

CELEBRAÇÃO dos 75 anos da Escola Estadual Visconde de Congonhas do Campo. São Paulo: Scortecci, 2012.

COSTA, Raquel Eni. Itaquera virou cidade (1984-1992). *Projeto História*, v. 18, p. 381-388, 1999.

COSTA, Valter de Almeida. *Política educacional para o Ensino Médio e Educação Técnica no Estado de São Paulo: Expectativas dos estudantes de quatro unidades escolares da Zona Leste da Capital e a disputa ideológica na educação*. 2011. 408 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2011.

DAMIANI, Amélia. *A cidade (des)ordenada: concepção e cotidiano do Conjunto Habitacional Itaquera I*. 1992. 358 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

DANTAS, Adriana. A expansão escolar em Ermelino Matarazzo. In: Encontro Regional Sudeste de História Oral, 9., 2011, São Paulo. *Diversidade e Diálogo: Textos completos*, São Paulo: EACH/USP, 2011, p. 30-36.

DANTAS, Adriana; PEROSA, Graziela. Expansão escolas na periferia de São Paulo: O caso de Ermelino Matarazzo. *Confluências Culturais*, v. 1, n. 1, p. 20-8, 2012.

DUARTE, Adriano Luiz. *Cultura popular e cultura política no após-guerra: Redemocratização, populismo e desenvolvimentismo no bairro da Mooca, 1941-1973*. 2002. 273 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 2002.

FARIA, Alex dos Santos. *Lazer na rua: memórias das transformações urbanas no Tatuapé*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Lazer e Turismo) - Universidade de São Paulo, 2009. Orientador: Valéria Barbosa de Magalhães.

FAVARETTO, Júlia. *História e Memória da Cidade de São Paulo: os bairros da Zona Leste*. Relatório de Iniciação Científica. Brasília: CNPq, 2004/2006.

FONSECA LUIZ, Lidiane. *História de Vida de Velhos Moradores da Vila Matilde: lazer e carnaval*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Lazer e Turismo) - Universidade de São Paulo, 2009. Orientador: Valéria Barbosa de Magalhães.

FONTES, Paulo. *Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.

GAIA, Maurício. *Recordações do Tatuapé*. São Paulo: Editora Baraúna, 2015.

GONÇALVES, Glauco. *A crise da cidade em jogo: O futebol na contramão em ruas da Penha*. Nova Edições Acadêmicas, 2014.

GRUPO Ururay. *Territórios de Ururay*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/Movimento Cultural Ururay, 2016.

INSTITUTO Nossa Senhora Auxiliadora. *Belém – Uma história que queremos contar*. São Paulo: Instituto Nossa Senhora Auxiliadora, 2004.

JESUS, Edson. *Penha: de bairro rural a bairro paulistano*. Um estudo do processo de configuração do espaço penhense. 2006. 213 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

LANG, Alice Beatriz; CAMPOS, Maria Christina. Comunidade portuguesa em São Paulo – Anos 2010. *Cadernos CERU*, série 2, v. 23, n. 2, p. 103-26, 2012.

LIDDINGTON, Jill. O que é história pública? Os públicos e seus passados. In: ALMEIDA, Juniele; ROVAI, Marta. (Org.) *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 31-52.

LIMA, Josiana. *Um Nordeste em São Miguel Paulista: Cultura e Memória*. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016 (em andamento).

LINGUITTE, Hedemir. *Santuário Nossa Senhora da Penha*. São Paulo: Art Manha, 1997.

LOPES, Rodrigo Herrero. *Face Leste: Revisitando a cidade*. São Paulo: Mitra Diocesana São Miguel Paulista, 2011. Disponível em: <<http://faceleste.com.br/images/pdf/miolo-fl.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2013.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa. Memória e história da Zona Leste de São Paulo: nota de pesquisa. In: SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria. (Org.). *Memória e diálogo: escutas da Zona Leste e visões sobre a história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 67-82.

_____. Nordestinos na Zona Leste: memórias e redes de migrantes. In: MAGALHÃES, Valéria Barbosa; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *Depois da Utopia: A história oral em seu tempo*. São Paulo: Letra e Voz/ Fapesp, 2013, p. 227-258.

_____; SANTHIAGO, Ricardo. (Org.) *Memória e diálogo: Escutas da Zona Leste, visões sobre a história oral*. São Paulo: Letra e Voz/Fapesp, 2011. 188 p.

MARTINEZ, Mônica; Criado, Alex. Redação criativa: A arte de conscientizar jovens por meio da escrita. *Líbero*, ano X, n. 19, p. 127-36, 2007.

MARTINS, Italo Monteiro. *Renovação urbana na Zona Leste: Um estudo do Jardim Anália Franco*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Gestão Ambiental) - Universidade de São Paulo, 2012. Orientador: Silvia Helena Zanirato.

MAYORGA, Claudia; COSTA, Fabíola Cristina Santos; CARDOSO, Tatiana Lúcia. Universidade pública no Brasil: Entre privilégios e direitos. In: Mayorga, Claudia (Org.) *Universidade cívica, universidade em conexão: Ensaio sobre democratização da universidade*. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2010. p. 19-45.

MCLEAN, Kathleen. Whose Questions, Whose Conversations?. In: ADAIR, Bill; FILENE, Benjamin; KOLOSKI, Laura (Org.) *Letting Go? Sharing Historical Authority in a User-Generated World*. Philadelphia, PA: The Pew Center for Arts & Heritage, 2011. p. 70-9.

MEDINA, Cremilda (Org.). *Usp Leste e seus Vizinhos*. São Paulo: ECA/USP, 2004.

MENEZES, Regina Tavares. Jornalismo e memória: A experiência da Zona Leste na história da comunicação comunitária. In: Simpósio Estadual Lutas Sociais na América Latina, 1, Londrina: GEPAL, 2005. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/primeirosimposio/completos/reginatavaresdemenezes.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2015.

MORAES, Isabel Rodrigues. *São Miguel Paulista Capela de São Miguel Arcanjo: interfaces das memórias do patrimônio cultural*. 2007, 242 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MORCELLI, Danilo da Costa. *Paisagens paulistanas, memória e patrimônio às margens do rio Tietê*. 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MOVIMENTO Cultural da Penha. *Recados: Memória da relação da comunidade e o patrimônio*. São Paulo: Movimento Cultural da Penha, s/d.

_____. *Movimentações pela cultura: um painel dos movimentos culturais da Região Leste de São Paulo*. São Paulo: Movimento Cultural da Penha, s/d.

OLIVEIRA, Vera Aparecida. *Memórias de mulheres dos movimentos sociais da Zona Leste de São Paulo: histórias de resistência*. 2007. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Arlete dos Santos. *Mulheres negras e educadoras: de amas-de-leite a professoras*. Um estudo sobre a construção de identidades de mulheres negras na cidade de São Paulo. 2009. 262 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PADRE Ticão. Movimentos sociais, identidade e memória. In: MAGALHÃES, Valéria; SANTHIAGO, Ricardo. (Org.) *Memória e diálogo: escutas da Zona Leste e visões sobre a história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 61 – 66.

PEDERIVA, Ana Bárbara. As práticas do historiador: Experiências do Laboratório de Documentação do Curso de História da Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL. In: Encontro Regional de História, 18., 2006, Assis. *Anais...* Assis: UNESP, 2006. s/p.

PEREIRA, Verônica S. Os rastros do trapeiro: memória, vulnerabilidade social e a cidade na experiência de moradores de rua no bairro do Brás em São Paulo. São Carlos: *Risco*, v. 6, p. 65-83, 2007a.

_____. Memória industrial e transformações urbanas na virada do século XXI: os casos do Brás, Mooca, Belenzinho e Pari. *InterfacEHS*. (ed. português), v. 2, p. 1-7, 2007b.

_____. Entre imagens expostas e palavras guardadas: os sentidos culturais e políticos da narrativa e da memória dos ambulantes no Brás. *Oralidade* (USP), v. 2, p. 49-68, 2008.

RAVAGLIA, Fábio. *Contribuição à história da Cia. Nitro Química Brasileira: 1935-1985*. São Paulo: Companhia Nitro Química Brasileira, 1988.

RIGAMONTE, Rosana. *Sertanejos contemporâneos: entre a metrópole e o sertão*. São Paulo: USP/FFLCH/Humanitas, 2001.

ROCHA, Antônia Sarah. *O bairro à sombra da chaminé: Um estudo sobre a formação da classe trabalhadora da Companhia Nitro Química Brasileira de São Miguel Paulista (1935-1960)*. 1992. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

Revista do Arquivo Municipal, n. 200. Prefeitura do Município de São Paulo, 1992.

SANTHIAGO, Ricardo. História oral e história pública: Museus, livros e a 'cultura das bordas'. In: Magalhães, Valéria Barbosa; SANTHIAGO, Ricardo (Org.) *Depois da utopia: A história oral em seu tempo*. São Paulo: Letra e Voz / Fapesp, 2013. p. 131-40.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa. *História Oral na Sala de Aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SANTOS, Cida. *Zona Leste, Meu Amor*. Personagens de uma história de luta. São Paulo: Ed. Marco Markovitch. 1994.

SANTOS, Mirian Márcia. *Meu destino tá traçado. Vou ser marginal: A construção de sentidos-e-significados sobre a violência em escola pública*. 2010. 102 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Faculdade de Linguística, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SECRETARIA Municipal de Cultura. *O direito à memória: Patrimônio histórico e cidadania*. 1992.

SILVA, Laura Juliana de Melo. *Fortalecimento e dinamização de atividades culturais na Zona Leste de São Paulo: Registro das memórias por meio do pré-inventário de bens patrimoniais*. Universidade de São Paulo, 2011.

SOUZA, João Carlos Souza. *Na luta por habitação: a construção de novos valores*. São Paulo: Educ, 1995.

SOUZAS, Raquel; Alvarenga, Augusta. Da negociação às estratégias: Relações conjugais e de gênero no discurso de mulheres de baixa renda em São Paulo. *Saúde e Sociedade*, v. 10, n. 2, p. 15-34, 2001.

SPAGGIARI, Enrico. Sobre 'quem participa do rateio': Duas trajetórias futebolísticas. *Oralidades*, n. 7, p. 147-65, 2010.

TOLEDO, Maria Cristina Motta. Universidade e inclusão social: Experiência recente da Universidade de São Paulo com a criação da EACH e a implantação do INCLUSP. In: PEIXOTO, Maria do Carmo de Lacerda; ARANHA, Antônia Vitória (Org.) *Universidade pública e inclusão social: Experiência e imaginação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 44-66.